



---

**[Recensão a] Turkle, S. (2015). Reclaiming Conversation: The power of talk in a digital age**

**Autor(es):** Ferreira, Gil

**Publicado por:** Imprensa da Universidade de Coimbra

**URL persistente:** URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/43611>

**DOI:** DOI:[https://doi.org/10.14195/2183-6019\\_6\\_8](https://doi.org/10.14195/2183-6019_6_8)

**Accessed :** 20-Sep-2019 08:29:25

---

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



*revista de comunicação,  
jornalismo e espaço público*

6

*Periodicidade*

Semestral

*Imprensa da Universidade de Coimbra*

*Coimbra University Press*

---

# *mediapolis*

*tema*

personagens mediáticas:

teoria, problemas, análises

media characters:

theory, problems, analyses

## Recensão Crítica

Turkle, S. (2015). *Reclaiming Conversation: The power of talk in a digital age* New York: Penguin Press (436 pp.).

[https://doi.org/10.14195/2183-6019\\_6\\_8](https://doi.org/10.14195/2183-6019_6_8)

Sherry Turkle é reconhecida hoje como uma voz incontornável no debate sobre a relação entre a tecnologia, a sociedade e o quotidiano dos indivíduos. Professora e investigadora no Massachusetts Institute of Technology, analisa há mais de 30 anos os efeitos das novas tecnologias digitais na identidade e no comportamento dos indivíduos comuns. Livros como *The Second Self* e *Life on the Screen*, ainda nas décadas de 1980-90, e o mais recente *Alone Together* (2011), descrevem de forma muito clara o avanço do poder de sedução das “máquinas de empatia,” o surgimento dos media sociais e das realidades virtuais, e o efeito que as novas formas de mediação têm na nossa cultura e nas nossas vidas.

É na senda deste percurso que deve ser apreciado *Reclaiming Conversation: The Power of Talk in the Digital Age* (2015), o seu último livro. Nele, a atenção volta-se menos para o funcionamento das tecnologias, para se focar na insatisfação e nas disfunções que o seu uso provoca. Deste olhar, resulta um grito de alerta para o que a autora considera serem os perigos de uma vida sempre ligada - nunca longe do email, do Twitter ou do Facebook – e

do seu impacto na vida familiar, na educação, nos relacionamentos e no emergir de novas formas de solidão. O quadro de partida é, assim, definido desde as primeiras páginas: a nossa submissão às tecnologias digitais corresponderá ao atrofiar de capacidades humanas essenciais, como a empatia e a autorreflexão.

A técnica utilizada por Turkle é semelhante à dos seus livros anteriores. Com o recurso a extensas entrevistas e a dezenas de depoimentos, mostra que “esta nova vida mediada colocou-nos em apuros” (p. 3). “Apaixonámo-nos por uma tecnologia que parece mágica. Mas, tal como a grande magia, ela atua conduzindo a nossa atenção, não nos deixando ver mais que aquilo que o mágico permite” (p. 361). Retoma assim um diagnóstico clássico (comum a toda uma tradição sociológica e filosófica que remonta, na era moderna, a Max Weber, a Georg Simmel ou aos avisos mais sombrios dos pensadores da Escola de Frankfurt), e que apresentara anos antes em *Alone Together*: as pessoas adotam as novas tecnologias com a expectativa de obterem um maior controlo sobre as suas vidas; contrariamente, o resultado é

sentirem-se depois controladas por essas mesmas tecnologias.

Ao longo do livro, este processo é explicado e ilustrado várias vezes e de diversas formas. Um exemplo: as tecnologias apresentam-se num primeiro momento enquanto “suplementos” à nossa vida, que pretendem melhorar ou aprofundar; contudo, aquilo que “começa como suplemento acaba por se tornar uma forma de vida.” Veja-se: “as mensagens [sms] não terão sido pensadas para interromperem as conversas ao jantar, mas estes suplementos à conversação acabam por se tornar uma substituição”, sempre as pessoas eliminam as formas de conversação em presença para trocar mensagens com outros ausentes (p. 170).

Na verdade, a *conversação* surge neste livro como pedra de toque e princípio organizador: é a instância que constitui o indivíduo e a sua identidade e é a partir dela que define a sua relação com os outros e com o mundo. Insere-se assim numa linha-gem teórica e mesmo concetual que percorre o interacionismo simbólico (G.H. Mead ou C. H. Cooley), mas igualmente a hermenêutica de Gadamer ou Ricoeur, para evocarmos

algumas das presenças “invisíveis” que percorrem este livro. Ora, através de diversos exemplos, Turkle descreve como a conversação se encontra hoje ameaçada em níveis sem precedentes: o seu espaço foi progressivamente ocupado por modalidades de substituição promovidas por equipamentos e aplicações digitais. Estamos a ser silenciados pelas nossas tecnologias -, noutros termos, estamos a ser “curados da conversação” (p. 9).

Grande parte do livro descreve consequências e perigos destas transformações. Olhemos, dessa descrição, a que se refere ao surgimento de *novas formas de solidão*. Turkle escolhe como quadro teórico a distinção entre dois termos, “*solitude*” e “*loneliness*”, os quais remetem, acima de outros na era moderna, para a análise proposta por Hannah Arendt no clássico estudo sobre *As Origens do Totalitarismo* (1998, São Paulo: Companhia das Letras) - onde, por sua vez, recupera a estrutura destes conceitos a partir da Antiguidade Clássica. Assumamos a tradução de “*solitude*” por “só” e de “*loneliness*” por “solitário”. Arendt descreve, na obra referida, como um Homem pode

ser *solitário* e encontrar-se rodeado por outros - com quem não consegue estabelecer contacto, ou que lhe são hostis. Já o homem *só*, por seu lado, embora sozinho, pode encontrar-se e dialogar consigo mesmo – o que concede a esse estado uma dimensão positiva, e mesmo necessária. Escrevia a pensadora alemã, a partir de Epicteto: “O Homem *só* está desacompanhado e, portanto, pode estar em companhia de si mesmo”, (...) na *solidão* sou apenas um, abandonado por todos os outros.” Acrescenta: “em rigor, todo o ato de pensar é feito quando se está a *sós*, e constitui um diálogo entre eu e eu mesmo” (Arendt, 1998, p. 528). Um diálogo, sublinhe-se, em que não se perde o contacto com o mundo e com os outros indivíduos, representados no *eu* dialógico que forma cada indivíduo.

Esta leitura permite estabelecer contacto com um outro tema clássico da teoria da cultura moderna, para o qual estamos avisados desde pelo menos Walter Benjamin, e em particular do seu ensaio sobre *O Narrador* (1992, in *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Lisboa: Relógio d’Água). Numa passagem célebre, podemos ler o seguinte: “O tédio é o

pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O simples sussurrar da folhagem afugenta-o. Os seus ninhos – as atividades intimamente ligadas ao tédio – já desapareceram das cidades e estão também em vias de extinção no campo” (Benjamin, 1992, p. 36). Sherry Turkle assume esta leitura, que identifica, de forma aguda, na era digital. “São muitas as pessoas – adultos e crianças - que atualmente ficam ansiosos sem a alimentação constante da estimulação online. Em cada momento tranquilo, pegam nos smartphones, verificam as mensagens, enviam um texto. Não toleram o tempo que alguns dos inquiridos classificam como ‘aborrecido’ ou ‘de acalmia’” (p. 23). “Se não possuímos a experiência de estar *só* – e é essa cada vez mais a realidade atual – começamos a fazer corresponder estar *só* com *solidão*”. Isto reflete o empobrecimento da nossa experiência. Se não conhecermos as satisfações de estarmos *sós*, apenas conheceremos o pânico da *solidão*” (pp. 65-66).

Se o estado descrito acima compromete a autorreflexão, uma outra capacidade seriamente afetada é a empatia. Diz-nos Turkle que jovens

altamente ligados não possuem como característica marcante a capacidade de identificarem os sentimentos dos outros; na verdade, nem mesmo a capacidade de identificarem os próprios sentimentos. A explicação encontra-se no tipo diferente de experiência de interação promovido pelas novas tecnologias – um tipo de experiência redutor e empobrecedor da interação: “se estiveres apenas parcialmente presente, será fácil perderes o subtexto emocional e não-verbal que acompanha o que os outros te estão a dizer. E, igualmente, não estarás tão atento aos teus próprios sentimentos” (p. 41).

Bem pelo contrário, o ambiente emocional dos media sociais é marcado pelo desejo de obter aprovação – a busca de *likes*. Num contexto em que o “polegar para baixo” não é opção, a simples obtenção de um valor de reações positivas aquém do esperado é, por si só, fator de desapontamento. É ainda o estímulo necessário para publicar o que se parecer com maiores probabilidades de obter a aprovação dos outros. Em resultado, emerge todo um código implícito de expressão que remete para a *partilha do positivo* e para a resposta rápida, num ambiente

em que própria demora na resposta significa “insensibilidade” e “falta de atenção” ao outro. “Em vez de promover o valor da autenticidade, [os media sociais] encorajam a performance. Em vez de ensinarem a lidar com a vulnerabilidade, sugerem a adoção do melhor rosto.” Leslie, uma das muitas jovens descritas por Turkle, que relata ser nas redes sociais onde “se sente mais importante”, é paradigmática: “não se tornou melhor a ‘ler’ os outros; tornou-se mais apta para fazê-los ‘gostar’ de si” (109-110).

Se, em livros anteriores, o enfoque de Turkle era claramente colocado no diagnóstico, o tom geral de *Reclaiming Conversation* é sobretudo terapêutico e programático – fazendo, aliás, justiça ao próprio título. “Perante as deficientes conexões do nosso mundo digital, encontra-se a cura pela conversação” (p. 5). É, assim, um livro que sublima aquilo que está em causa na conversação – o desenvolvimento da confiança e da autoestima, a capacidade de empatia, amizade e intimidade –, ao mesmo tempo que afirma a necessidade de reconhecermos a nossa vulnerabilidade face aos poderosos encantamentos da tecnologia – “admitindo a

vulnerabilidade e concebendo novos comportamentos em relação a ela”, de modo a afastar “a tentação” (p. 261).